



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

DIRECTOR E EDITOR:

Padre Américo

Redacção, Administração e Propriedade:

Casa do Galato de Porto—Fraga de Sousa

Vales do Correto para Cete

Composição e Impressão—Tip. da Casa

N.º Alvarés R. Santa Catarina, 620—P.º

Preço 1400

DOCTRINA

TOMEI velocidade e eis-me agora a *doutrinar* nas páginas do periódico. Ele em artigos de fundo, êle em simples notas, êle em todos e por todos os títulos, quer a rir quer a chorar, aí vai doutrina. Hoje, é sobre os fundos das obras de caridade e suas consequências. Nós temos recebido varias cartas e também recados pessoais, a perguntar como e se podemos figurar em testamentos. São pessoas de bem e de fortuna, sem herdeiros forçados, a quem a vida vai fugindo aos pouquinhos e eles a procura-la... perpetuando-se. E' o tormento da derradeira quadra. Não se sabe a quem deixar. Se à Misericórdia, se à Camara, se ao Museu, se ao Estado e agora, —se à Casa do Gaiato. São homens prudentes, cheios de experiencia, que têm observado muita coisa em matéria de heranças, e pretendem acertar. Tormentos! No fim de contas, quando se não trata de um caso de verdadeira avarêza, é sempre um desejo individual de possuir *tudo* até à hora derradeira. E' um triste *Deixo* em papel e nunca um delicioso *Tome lá*. Não é o coração. E' a lei. Ora muito bem. A estes senhores, temos nós respondido que experimentamos, na verdade, muita falta de dinheiro, para manter e alargar as obras. Que agradecemos sinceramente todo e qualquer donativo que nos possa vir a ser, de momento, confiado. Heranças,—não. Nós gostamos de ter; gostamos de sentir e de experimentar necessidades de ordem material. Nós queremos ser uma caixa geral de depósitos... dos teus depósitos! Fazê-los render, girar, multiplicar, quais talentos da Parábola do Evangelho. Nós queremos ser testemunha e dar também testemunho ao mundo do milagre da multiplicação dos pães.

Estas verdades, lindas de dizer, custam muito a sofrer, mas também está no nosso programa o sofrê-las. Receios. Desanimos. Rogar-se a gente aos pés dos que podem. Ser mendigo. Passar por falso profeta. Tudo. Heranças,—não!

A Pobreza, é a unica fonte que alimenta as obras de Deus. E' um clima maravilhoso. E' um penhor de longevidade. As obras pobres são sempre moças, fecundas, queridas das almas, abençoadas por Deus. Um pobre nunca diz que não a um pobre;—assim as obras.

São postos de sacrificio, baluartes de heróis. A mediocridade não se dá bem ali e foge. Que bom!

Era de uma vez eu numa terra. Fui convidado para irmão da Misericórdia. Cuidava que a minha fama de visitador de pobres tinha subido à Mesa da Santa Casa e que queriam aproveitar os meus serviços como tal. Mas não. Enganei-me. Não era isso que se pretendia, como me foi dito. Era pra engrossar o numero da votação em uma determinada pessoa. *Você há-de votar em fulano, que é da nossa côr*. Não me fiz irmão. Que me impotta cores? Eu já era irmão e quero ser irmão mas é da Caridade. Eis aqui um retrato das heranças. Heranças de muitos. Riquezas acumuladas. Lugares cobiçados. Política.

Não foi este certamente o pensamento dos fundadores da Confraria. Não foi assim, de principio, o compromisso dos irmãos. Eles iam pelas cadeias e hospitais e casas de gente pobre, exercer pessoalmente e por herança as obras de misericórdia. Este era o espirito, mas as heranças deram outra feição.

Nós temos necessidade urgente de fundos e pedimos aos nossos leitores que nos ajudem *agora*. Trazimos obras em curso nas trez comarcas aonde estamos. Paço de Sousa está quasi a terminar, sim, mas há um edificio que vai para seis centos contos. E' o edificio das escolas, com um salão corrido a fazer de terceiro andar, e os celeiros na cave. E' uma coisa grande e acabada. E' hoje. E' *agora*. Livra-me de ir por aí abaixo com o chapéu na mão!

CRÓNICA DA

NOSSA ALDEIA

N. B. — Abre-se hoje no famoso uma nova secção, a qual fica a cargo do Cete. Ele é o cronista da aldeia. Eu tenho de distribuir trabalhos. Dar expansão. Deixar que o Cisco se revele. E' preciso que eu desapareça e que eles cresçam. Muita atenção, pois meus senhores. Vai falar o Cete.

1 O novo porteiro, tem-se portado muito bem, nos primeiros dias chorava, que não queria lá estar, depois foi-se dando ao cuidado de limpar a nossa avenida e de regar as árvores. Tinha tudo muito bem estimado que até os visitantes ficaram admirados. Está sempre a pedir livros para ler na sua cabine, nunca sai da sua obrigação, está sempre sentado num banco, quando tem a avenida linda e as arvores regadas. Alguns visitantes reparam para os seus dentes muito branquinhos, porque as regras da Casa mandam assim. Na avenida nem uma pedra, nem uma palha, nem um pedaço de madeira ou ripa, parecia que tinha por ali passado a vasoira dum barredor municipal e a pá e a enxada e o carrinho dum cantoneiro da estrada nacional. Viva o Lourenço.

2 O antigo porteiro foi substituído pelo Lourenço. Eu vou já dizer a razão porquê. Pedia aos cicerones dinheiro, e se eles não lhes davam ameaçava-os e entrujava-os. Eles davam-lhe o dinheiro e ele mandava os rapazes da rua comprar etc. Mas um dia foi descoberto. Então foi para o lugar dele o Lourenço. O Zé foi trabalhar para o campo.

3 O magala é o 15 de Tomar. Fugiu e pelo caminho encontrou um automóvel, mandou parar, depois disse aos Senhores, levem-me para o Porto, que eu sou gaiato, estava na Casa do Porto, lá batiam-me muito e eu fui para a Casa de Paço de Sousa, mas depois arrependi-me e agora queria ir para o Porto. Quando chegou

à porta da Casa toca a bater novamente a asa. Um policia acaçou-o e êle bate-lhe o pé e fuge, depois foi agarrado e levado para lá, ficou alguns dias, depois voltou. Agora trabalha com os rapazes do senhor Joaquim ceguinho.

4 No nosso Hospital estão nove rapazes doentes com a tosse. Uma camarata, tem cinco, outra mais pequena tem três e ainda mais outra com um, os tres da camarata mais pequena são os que estão mais perigosos, que tem a coqueluxe.

5 No dia 16 foi a nossa vindima das uvas brancas que correu com a maior alegria de todos nós. Foi numa terça feira de manhã cedo, lá vão eles com as cestas e escadas começar a faina. Chegou o meio dia toca a mandar um cesto de

uvas para a refeição do meio dia, comemos as uvas todas e ainda ficamos a chorar por mais.

6 A visita do Grupo do C. T. à Casa do Gaiato, correu tudo nas mil maravilhas. A festa foi feita na sala de cantico, estivemos a ouvir cantar as seguintes cantoras: Célia Maria, Margarida Castro e Judite Alexandre e os cantores António Baptista e Sabino Moreira, acompanhados de Samuel Paixão, Albino Gomes, Xisto Lopes e Alberto Emilio Coutinho. Célia Maria cantou a canção do Gaiato e Rosmaninho ao som dos armoínios e ao piano o sr. Xisto Lopes. Em seguida cantou Margarida Castro o «Corri atraz duma ilusão», acompanhada dos srs. Manuel Paixão e Albino Gomes à guitarra. Judite Alexandre cantou «Caldo Verde» acompanhada dos srs. Samuel Paixão e Albino Gomes. Agradaram todos muito bem mas principalmente Célia Maria que cantou um numero, que pedia as palmas da assistencia e nós ajudamos a celebre Célia Maria sem nos enganar-mos.

Damos parabens a todos os cantores e cantoras.

Uma comunicação

E' a continuação do numero antecedente. Como sei que fazes colecção, facilmente segues a meada. O fio é o mesmo. Diziamos nós que o Julio irá pelo coração da cidade do Porto, buscar subscritores de boa mente para aidentar e manter. Os que receiem pela minha morte, estejam tranquilos. Eu estou a tratar do meu testamento; organizar a nossa Pobreza, garantir abrigo aos sem abrigo. Não quero que os meus sucessores vivam do cupãdio semestral. Isso seria um grave impedimento à irradiação da obra. Eles hão-de pedir. Ora muito bem.

Hoje vamos estender o apêlo às pessoas amigas, incolas da Invicta. Como? Quem tiver devoção, arranje uma lista de nomes, rua e numero, quantia, e o cobrador lá vai. E' uma colaboração simpatica, familiar e multissimo oportuna. E' o chamamento das migalhas às trinchas. Pôr a mesa, lavar a roupa, erguer do chão, dar alegria à idade — livrar homens do banco dos réus! Isto tudo, é a lista que nos vais mandar. Quem nela se inscrever, admite esta doutrina, toma a sua responsabilidade, paga a sua cota. O Mundo precisa de fazer bem ao mundo. Nós somos participantes das alegrias e das

Ainda será viva aquela Pessoa que duma vez atirou pra cá uma caixa de 500 tubos de pasta pra dentes? Será? Não é pra pedir nada, já se vê; a não ser, a Deus, a continuação da sua preciosa vida. Agora o que nós muito necessitamos e por isso aqui pedimos, é de mais pasta. Mais tubos de pasta de dentes.

Mais seis toalhas de rôsto do Bombarral. Estas teem um friso encarnado. Oh beleza! Mais da Cooperativa dos Maquinistas e fogueiros do Minho e Douro—os homens da limalha e do carvão! A força! Mais, destes, uma tarifa de roupas e mercearia. Mais duas toalhas de Urgueira. Aonde serás? *O Gaiato* anda por toda a parte! Mais de Lisboa uma data de roupas e brinquedos. Entre as várias peças, vinha a toalha. A toalha anda na ordem do dia. Mais um lençol e uma toalha—*que retirei do enxoval que minha Mãe me deu quando casei. Já morreu. Peço-lhe o*

DO QUE NÓS NECESSITAMOS

favor de uma prece pelo seu eterno descanso. Uma oferta—enciclopedia. Quero dizer,—um tratado de amor de Deus, amor de família, imortalidade da alma, tudo aquilo que faz a vocação sobrenatural do Homem. Mais outra vez uma toalha e um lençol.

Peço desculpa de massar os meus leitores com a repetição destes pequeninos lotes. Podera dizer tudo de uma só vez, com aquela palavra muito em uso nesta secção: *Uma pancadaria*. Podera, sim, mas cada lote é uma pessoa e a pessoa é inconfundível. Mais pneus! Pneus pra solas. Oh riqueza! A nossa riqueza é justamente daquilo mesmo que não presta ou como tal é considerado! Mais roupas de Vizeu. Vieram pelo correio. Parecia um pacote. Foi-se a abrir e não era. Trata-se de um ramo de flores. Flores: uma toalha de Adelaide Suzana, uma de Palmira Syder, uma de Margarida Lima, Berta Coelho, Maria Lucilla, Matilde Lebre e Branca Fuschini: Nenhuma do mesmo tamanho. Nenhuma do mesmo feitio. Nenhuma da mesma côr:—um ramo de flores. Mais 40\$ da Praia da Granja. Mais 20\$ idem. Mais de algures um pacote com cinco toalhas, *compradas com o dinheiro que eu costumava todos os anos, nesta data, comprar cravos para enfeitar o jazigo do meu Noivo.*

A maiuscula não é minha, é uma saudade de quem escreve! Saudade grande. Saudade d'hoje. Saudade de sempre. Lá está a maiuscula a dizê-lo. Sim senhor. Celebrei no dia marcado por si. Em o numero 91 de *O Gaiato*, aparece como sendo de 56\$50, uma subscrição feita pelas Praças do navio hidrográfico *Mandovi*, para a casa de Lisboa. E' engano. Os tipógrafos comeram um zero e eu não dei por ela. Um zero à direita. 560\$50 é que foi. Mais de Queluz duas toalhas, sendo uma de linho, e oito peças de roupa infantil. Mais 100\$ do Pessoal da Central Telefónica dos C.T.T. *pelas melhoras dum doente*. Grande devoção pelo doente e pela casa do Gaiato! Mais um pacote de roupas de V. N. d'Ourém. Dentro do pacote de roupa irrepreensível, vinha uma carteira também usada e virte mil reis lá dentro. Mais da Fontela uma tarifa de garrafas. O senhor da Fábrica nunca diz que não. Há dias, no Porto, um senhor ofereceu os seus prestimos perante a gerência: *Eu sou acionista*, disse. Não é preciso. Nunca foi preciso. Não será nunca preciso. A gente manda uma palavrinha ao Senhor Mário



dores humanas. Ninguém pode viver isolado. Quem assim faz é réu. Eis.

Aqui deixamos o apêlo. Listas. Listas de subscritores certos. Pouquinho, para que se não cansem. Pouquinho e certo. Fico à espera. Ficamos à espera. E' o mundo. O mundo gosta de esperar e de saber. Nós havemos de publicar no FAMOSO, o menos que haja ordem em contrario. Se puzeres tanta força no lér como eu no escrever, temos listas e nomes sem conta!

Uma restrição apenas. As pessoas que já assinam o nosso jornal estão fóra do contrato. Nós temos a assinatura anual como a mais proveitosa, a mais oportuna, a mais eficaz, a mais adoravel forma de ajudar. E' uma permuta de valores. Um intercambio espiritual. Pela assinatura recebemos. Pela assinatura damos. Quem assinou cumpriu. Entendido? Mas há mais. Nós queremos que todos deem para todos. A Obra da Rua folga com a justiça. O que deve ir para outras obras, não lhe faz falta nenhuma.

Quando mal sempre assim. Eles e elas veem pagando. Agora uma coisa animadora, muito animadora, muitissimo animadora; é a adesão. A corrida à assinatura. A bicha de mais e mais assinantes. Estou pasmado!

Espera-se que a bicha aumente com a nova colaboração—*Crónica da nossa aldeia*. O Cête; o António. Vamos a vêr. Ele tem veia. O que ele não quer é mas é pensar. Pensar no que ha-de escrever. Já assim era o Zé Eduardo. Duma vez foi preciso amarrá-lo pelas pernas! Terei de fazer o mesmo a êste cronista?

EM MAIO

D. Maria de Castro Guedes, Espinho, 20\$; Henrique Coelho Castro, Espinho, 50\$; Dr. Júlio Alves de Pinho, S. João da Madeira, 60\$; Dr. Vicenzo Cocco, Coimbra, 20\$; António Luís Oliveira Rocha, Penafiel, 50\$; Alvaro

Barraca e acabou! Palavra que dizes, encomenda que recibes. Tal para esta, qual para outras, obras. Honra lhe seja feita. A carta de aviso, vem a dizer: *De resto todos, o devem ajudar, pois a obra da rua é das mais belas que se teem produzido no nosso país*. Outro assunto. Sim senhor. O rapaz entregou um envelope com 5 notas de 20 escudos. Fique em paz, Albertina. Os nossos rapazes, não as dão *todas* na ferradura, mas dão muitas. Mais do que no cravo. Bendigo a Deus por isso. Toalhas. Toalhas de rôsto! Duas delas e um lençol, de S. Paio de Gramaços. Ontem, aqui na aldeia, um senhor respeitável apeia-se do seu *Dodge* e faz entrega pessoalmente de três toalhas: *são das minhas; não comprei*. Eis porque são melhores! Este senhor podia dar um fardo de toalhas, mas ele não quer destoar. Não quer realces. Alinha no cortejo humilde, humildemente. Atrás dele, vem a avó de três abandonados dos pais, que estão conôco há muito tempo. Também ela traz uma toalha. Assim é mais bonito. Há mais fraternidade. Agora,—cintos. Palavras não são ditas, e os cintos a aparecer. Ontem, os visitantes trouxeram uma duzia deles. Do Espelho, retirou-se uma data deles e do nosso Lar, à Rua D. João IV, outro tanto. Eu tenho que o cinto vai ser a prenda mais do teu agrado. Ou seja que tivesses visto os nossos, de nagalho, no Coliseu, ou seja por teres cá vindo e observar a mesma penúria, ou seja, ainda, que dar um cinto a um garôto agrada a toda a gente; o certo é que havemos de ter um para cada um. Agora mesmo chegou o correio. Uma caixa pequenina, esguia. Abriu-se. E' de Paredes. Tinha a dizer por fóra: *acabo de receber e como sempre imediatamente ler e compreender o famosissimo*. Era um cinto. Mais um cinto. O *Pastelão* andava justamente a fazer limpeza na cabana. *Tens cinto? Não senhor*. O resto já se sabe... Sabe-se, sim, por eu aqui o dizer mas o lindo foi a cara e os gestos e as palavras do *Paselão*. Isso não se diz. Só visto. Reparei muito naquele *famosissimo*. Para onde irá a fama do jornal! Já está no superlativo!

Mais da Avenida da Boavista uma caixa com uma duzia de cintos. Nem côr, nem tamanho, nem feitio—nada igual. Assim é que é, minha senhora. Vê-se que o *famosissimo* faz doutrina! Mais de S. João da Madeira uma caixa de cintos e de gravatas. Um visitante, perguntou ó *Periquito* se podia ir à loja dele pentear-se. Que sim senhor. Podia. O senhor foi, sentou-se na cadeira, ajeitou o cabelo e no fim dá-lhe um cartão para êle ir ou mandar à loja dêle, visitante, por três pares de sapatos novos. Assim se fez. Desde já se declara a loja do *Periquito* aberta, a todos quantos se queiram pentear...!

Mais esta carta:

Sonhei ontem à noite com o Padre Américo e vi-o entristecido e preocupado, parecendo-me tratar-se de falta de dinheiro para continuação da obra. E' possível que assim não seja, pois trata-se de um sonho.

Sou padre e o mais humilde servo do Senhor e não podendo dar mais, ai vão 2\$50 em sêlos.

Seria interessante que todos que o podessem fazer enviassem 2\$50 em sêlos e os rapazes os tivessem de vir vender à cidade!

Que Deus vos ampare e inspire.

Esta carta, êste sonho, quer dizer que são muitos em Portugal os que se afligem com a obra!

Mendes Silva, Guimarães, 30\$; Aurélio Santos Leite, S. João da Madeira, 50\$; César dos Reis Carvalho, Porto, 20\$; Maria Gonzaga Abreu Fonseca, Braga, 30\$; Joaquim Pereira da Silva, Aguada de Cima, 25\$; Maria Angélica de Lemos Coelho, Aguada de Cima (2 anos), 50\$; Padre José Maria Domingues, Aguada de Cima, 35\$; Alvaro Correia Simões, S. Pedro do Estoril, 65\$; Irene Gomes Fernandes Guimarães, Guimarães, 50\$; Maria Cesária Lyra, Porto, 50\$; Horácio César Pereira, V. N. de Gaia, 20\$; Florinda Machado Brites, Porto, 50\$; Alcina Teles, Coimbra, 20\$; Menina Maria Gabriela Guimarães, Porto, 50\$; Maria Lourdes Loureiro Bessa, Paço de Sousa, 20\$; Alfredo Rezende, Porto, 500\$; Domingos Moreira da Silva, Porto, 100\$; António Casal Ribeiro Carvalho, Lisboa, 50\$; Lucíndia Falcão de Lemos, Santo Tirso, 30\$; Maria Cândida Sena Oliveira, Santo Tirso, 20\$; Petronila Rodrigues Machado, Porto, 20\$; Dr. Joaquim Alberto Pires de Lima, Porto, 20\$; António Patrocínio Dias, Torres Vedras, 50\$; Padre José dos Ramos Pereira, Vimieiro—Oeste, 50\$; Domingos da Silva Coelho, Fiães—Feira, 20\$; Inácio Pinto de Meireles Ruão, Paredes, 20\$; Raúl Costódio Silva, Porto, 10\$; José da Piedade Júnior, Lisboa, 40\$; Júlia Nogueira Reto Relvas, Porto, 50\$; Augusto César Cerqueira Gomes, Braga, 50\$; Amélia de Castro Tavares de Sousa, Murtosa, 20\$; Padre Manuel Martins Pinheiro, Seminário—Gavião, 25\$; António Cyne Casal Ribeiro, Lisboa, 50\$; Maria da Conceição Moreira, Porto, 120\$; José Gomes Bento, Aveiro, 20\$; António da Conceição Santos, Elvas, 7\$5; José Lino, Viana do Castelo, 20\$; Amélia Castro Pereira, Lisboa, 30\$; António Porto Covo, Lisboa, 50\$; Professora Raquel Ferrer dos Santos, 30\$; Isabel Marques Esparteiro Guerra, Lisboa, 40\$.

Dr. António Marques Antunes, Ervedal da Beira, 50\$; Eduarda Emília de Matos Moreira Sá Tinoco, Braga, 20\$; Rapazes da Escola de Lagomel, Ponte do Sôr, 100\$; D. Maria Cândida Gonçalves Vilas Gião, Vila do Conde, 20\$; Aida Macedo Dias Pinheiro, Caldas de Moledo, 100\$; Ana Maximo Saraiva Padrão, Porto, 50\$; Alvaro Fernandes, Porto, 25\$; D. Maria Delfina Borges, Coimbra, 50\$; Alda Anachoreta Correia, Coimbra, 25\$; Samuel Peres, Ermezinde, 40\$; Alvaro da Costa Alvares, Lamego, 20\$; Menina Maria Virginia Calheiros Lobo, Vila Nova de Gaia, 30\$; Artur da Costa Cruz, Lisboa, 20\$; José Alfredo Valente Soares da Costa, Espinho, 30\$; Maria Emília Ribeiro da Silva, Valongo, 30\$; Maria Eliza Loureiro, Porto, 25\$; José T. Queiroz, Gaia, 50\$; Neves & Neves, Porto, 20\$; Manuel Loureiro, Porto, 40\$; Afonso Temudo, Vila Nova de Gaia, 20\$; Edgar da Costa Guimarães, Vila Nova de Gaia, 50\$; Marília Leite Correia, 20\$; António Castanheira Martins, 50\$; José Duarte, 50\$; Barbearia Apolo, 20\$; Augusto da Silva Pereira da Rocha, 40\$; Cândido José Nicola, 40\$; Fernanda Pinto da Rocha, 40\$; Sebastião Carneiro, 30\$; Manuel Luiz Freire Coelho, 20\$; Joaquim Horta Catarino, 20\$; João Couceiro Cancela, 20\$; Raúl Cardoso Ferreira, 25\$; Dr. Francisco de Sena Esteves, 30\$; Professora Maria Beatriz Magalhães Alves, 20\$; D. Maria Clara Lima Ramos, 30\$; todos do Porto. Maria Barradas Valente, Gaia, 30\$; Mário Ferreira da Silva, Oliveira do Bairro, 20\$; Irene Godinho Barata, Covilhã, 50\$; Dr. Fernando Magalhães Ilharco, Lisboa, 50\$00; Maria Lourdes Parreira Pêna, Lourinhã, 40\$; Joaquim Perdigo de Abreu, Anadia, 20\$; Farmácia Ferreira—Monte Redondo de Leiria, 40\$; Aurélio Duarte, 90\$; José Lopes Garja, 50\$; Alice Guerreiro Sá Cardoso, 20\$; Bernardina Almeida Sá, 20\$; Beatriz Cardoso, 20\$; todos do Porto. José Augusto de Miranda, Agueda, 20\$; Maria Fátima Tinório Lopes, Vila Real Santo António, 30\$. Fernando Serpa Pinto, Monção, 50\$; Fernanda Irene Cardoso Leite, Porto, 25\$; Ernani Lopes da Silva Maia, Granja, 20\$00; Ilda Grambra, Lisboa, 50\$; Maria Cristina Brochado Nobre, Cinfães, 50\$; Carlos Alberto Veloso de Castro, Ilhavo, 25\$; Padre António Ferreira Pombo, Paços de Ferreira, 50\$; Maria Dourado Cardoso da Silva, 500\$; Dr. Fernando de Matos Pinto, Castelo Branco, 50\$; Julieta Dias Ruivo Ferreira, 50\$; Cantina Escolar de Rans, 50\$; Dr. Avelino Soares, Porto, 100\$; Dr. Manuel dos Santos Carvalho, Figueira Castelo Rodrigo, 40\$; Maria da Graça Santos Carvalho, Lamego, 20\$; Rufino Vieira, Porto, 50\$; Joaquim Calejo Monteiro, Lisboa, 20\$; Padre Luiz Gonzaga Cunha Leite Castro, Miranda do Douro, 20\$; Engenheiro Eduardo Fonseca, Lisboa, 50\$; José Maximiano da Silva, Peniche, 50\$; Padre Alfredo Viegas, Celorico da Beira, 40\$.

Valdomiro Velhote Silva, Valadares, 20\$; Ana Isabel Salgado, Amarante, 20\$; Luiza Furtado, Coimbra, 100\$; José Dias Jacobe, Porto, 20\$; Maria Fêrio Cachalдора, Aljô, 100\$; Padre Luiz Nunes da Silva, Portel, 20\$; Joaquim Gomes Porto, Lisboa, 100\$; João Ferreira Alpoim, Cinfães, 100\$; Anibal Lopes Coelho Sousa, Celorico da Beira, 30\$; Artur Lopes Alves, Celorico da Beira, 25\$; Menina Maria Manuela A. M. Guimarães, Lisboa, 20\$; Albertina Sotto Maior, Braga, 20\$; Maria Eulália Pereira Barbosa, Braga, 20\$; Eng.º Leopoldo Faria Gouveia, Coimbra, 50\$; D. Maria Augusta da Cunha Leão Seabra, Sobreira, 50\$; Dr. Gastão Martins Graça, Lisboa, 30\$.

Tanto, que sonham com ela! Nem sempre o sonho é fantasia. Não é. O corpo cede às fadigas e adormece. O pensamento não. Gosto desta carta. Quero dá-la à estampa. Sei que não estou sozinho.

Se os mais sonham com a obra que direi eu?! Se gostariam que muitos dessem 2\$50 em sêlos, de que posso eu gostar?! Vou dar uma imagem do meu estado de espirito. Sabem voçelencias o que é ter de fazer amanhã um exame? Estar em vespas do exame? E quando aquele amanhã nunca chega, as colicas estão sempre? Eis eu!

Ainda ontem foi o santo dia que me levou ao Porto com designios de pedir. Trago três senhores fígados desde há um rôr de tempo...! Pois não fui capaz! Não tive coragem! Passei a porta de cada um deles. Levava tudo na Ponta da lingua. Tinha a matéria presente. Pois não fiz o exame! Quem sabe, disse com os meus botões, se o Alfredo não teria levado para casa, do correio, boas noticias! Mandei tocar o *Morris*. Cheguei a casa. Vi o correio. Nada! Cá andam as colicas! E pronto.

NOTA DA QUINZENA

Os nossos leitores viram já, por certo, o que diz o cronista da aldeia a respeito das habilidades do *Zé da Lenha*. Do porteiro demitido. Agora vou dizer eu. O rapaz foi-nos propôsto por alguém como uma inteligência perdida. E' da Reboleira. Andava por lá. Não sabe quem é o pai. Está connôco há dois anos. E' raquítico, mas gosta de trabalhar. E' pronto e muito perspicáz. Tem tido várias obrigações e chegou a ser, até, um dos vendedores do *famoso*, mas já há muito tempo que não vai ao Porto, nem voltará tão cedo...!

Uma vez que se deu a vaga de porteiro, pensou-se no *Zé da Lenha* e deu-se-lhe o diploma. Ele tinha qualidades e nos primeiros tempos não houve novidade. Cumpria. Mas êle é muito raquítico, sim,—da alma também! Principalmente da alma. O mundo suja as fontes onde estas crianças bebem. Se alguém lhes dá qualquer coisa por desfastio,—quem uma palavra amiga?!

Como não ficarias alvoroçado, se topasses no lixo das ruas uma gema de valor! Destas, nem alvoroço, nem interesse, nem compreensão. E andam por lá tantos!

Fui pedir à Figueira este Agosto. No *Pica-deiro* não se dava volta, tantos eram os senhores mai las senhoras, ocupados com o doce programa das praias. Pois bem. Nas esquinas, à porta dos cafés, por toda a parte, viam-se grupos de *zês da lenha*, ponta de cigarro na bôca, a combinar vidas!... Quem dá fé? Quem treme de medo? Quem reflete? Ninguém! Não há tempo!

Doentes da alma, sim. Dois anos de casa não foram suficientes para a cura radical do *Zé*. Pôsto em ocasião, ai vem a tentação. E' o dinheiro, já se vê. Parecendo que não, o dinheiro é o inimigo número um da humanidade. Já sabemos o que se passou, pela magistral crônica do Cête. O que êle não disse, foi do tribunal. Do importante tribunal que fizemos por via da comédia do *Zé*. Ora oiçam: Vieram à barra os cicerones que fraquejaram; o Bucha, o Presidente e o Melgaço. O Presidente acusa: *ele* (o porteiro) *parecia um demônio, agarrado à gente e a meter as mãos nos bolsos e a dizer dá cá dinheiro*. Foi este o que mais carregou. O réu estava sem sequer pestanejar. Não podia. O Presidente era simplesmente esmagador. *Ele parecia o demônio!* No decurso das averiguações, soube-se que esta testemunha dera cinco escudos ao réu. O Bucha, dera oito mil e quinhentos. O melgaço, para cima de vinte!

Que fazia o *Zé da Lenha* ao dinheiro? Vem na dita crônica, mas eu quero ir além. O réu estava feito com um rapaz da terra, o qual vinha ao seu encontro a horas determinadas e ia comprar coisas à venda: *cigarros, trigos (pães), rebuçados*, como informa o cronista. Mesmo em frente da nossa aldeia há uma venda, mas *Zé da Lenha* não miandava ali. Era a uma outra mais distante. Ele é finório!...

O porteiro aliciava. *Intrujava*, como o cronista pôz. Aliciava o pequeno nado e creado

Isabel 100\$; Idora, 20\$; Ipoim, 25\$; Ico da, 20\$; Iereira, 30\$; Iueira, 30\$; Iebra, 30\$; IMaxi- legas,

Confidências

Ao regressar a casa de um dos recentes peditórios, lembrei-me de passar por certa aldeia, aonde sabia estar um religioso professo dos Padres da Missão. E' uma casa pequenina e solitária na vertente de um monte, destinada a servir os padres e irmãos da Congregação, cansados de servir. Encontrei quem procurava. Não lhe quiz perguntar a idade; parece mal. Mas deve estar à porta, se não tiver já entrado na casa dos oitenta. Dois carros, como dizem os velhos destas terras. Logo que soube da minha presença, o religioso professo veio ao meu encontro, a rir-se, cheinho como um ovo! Está colhendo o que semeou: Paz. Gôzo. Alegria. Entrou na posse antecipada da promessa divina. Fêz render os seus talentos.

Eram os olhos. Eram as falas. Era um singular não sei quê no semblante do religioso, a revelar o mistério da vida com Deus! Desci o monte com inveja. Também eu quizera gozar. Bati de uma vez às portas dum convento, em cata precisamente desta vida. Mandaram-me embora. Não me quizeram. Não que fôsse melhor do que eu a pessoa que assim fez, nem nessa conta se tem. Mas a verdade é que essa pessoa tinha a palavra. Ela era a palavra; e eu não tive outro remédio senão desandar. Cá ando em trabalhos forçados, dos quais só a morte me há-de libertar. Tenha eu ao menos uma casa de repouso. Um retiro de silêncio, onde possa esperar e preparar-me para a hora derradeira!

nesta terra, incauto, desprevenido, fraco. *Vai buscar pão pra nós ambos*. Pão branco! Quem resiste? Eis os factos. Tiremos a lição. Ao tomar-se conta do que é hoje a Casa do Gaiato, funcionavam dentro dos seus muros as escolas primárias da terra e achava-se muito bem que estes *zês da lenha* emparceirassem com os naturais! *Ora essa; são tudo rapazes!* A ciência da rua com a inocência dos campos mai-lo *deixa correr* dos senhores.

Oh perigo social! Em vistas do episódio de hoje, muito contentes hão-de ficar todos aqueles que gostosamente e eficazmente trabalharam na separação total das escolas, tal qual hoje as vemos. E que dizer daqueles que não pedem nem atemam em mandar para as nossas casas o *menino bem comportadinho!* Também esses compreendem. A uns e outros, um fervoroso aperto de mão.

Visado pela Comissão de Censura

MIRANTE DE COIMBRA

Vai terminar com este turno, a época das Colónias de Férias que se iniciou em Julho, na estância ideal da Senhora da Piedade de Tábuas. Assim se manteve por mais um ano a tradição que vem de 1935.

De então para cá, outras iniciativas surgiram tanto particulares como officiais, que canalizam para a serra e para o mar, algumas centenas de crianças. Nem por isso perderam a sua oportunidade, as colónias de férias da Obra da Rua. Há ainda muitas crianças que não constam dos registos catequísticos nem dos cadernos das Juntas da Paróquia, nem de qualquer associação organizadora. Pois essas, porque abandonadas, são nossas. Sempre foi timbre da Obra da Rua aproveitar o que não presta. Além disso confrange-nos a falta de consciência com que se organizam certas colónias. Dar a cada criança uma cama, evitar a promiscuidade, são coisas que não preocupam a muitos. Doe-nos também a sorte das crianças entregues a improvisados orientadores sem consciência da sua responsabilidade e sem idoneidade moral que os recomende.

Era bom que se desse melhor aplicação ao dinheiro da Nação.

Enquanto todos e tudo não estiver no seu lugar, nós continuaremos a trabalhar nas Colónias de Férias, a bem da grei, a menos que um dia nos falte o carinho e generosidade de almas boas sempre prontas a ouvir os nossos apelos. Quem lê o livrinho «Obra da Rua», sabe como as Colónias nasceram e como foram acolhidas pelos crentes e descrentes; pois ainda hoje há gestos lindos que não desmerecem do fervor primitivo.

Não há garoto em Coimbra, que, tendo estagiado uns dias na Senhora da Piedade, não conheça aquela modesta viuva, de chaile e lenço e chinelas que vem assistir à festiva de despedida realizada diante do Altar. O miúdo olha para trás e segreda ao vizinho — *olha a nossa mãe*.

Há mais senhoras generosas e muito amigas, a *senhora do leite*, a *do mel*, etc.; mas esta, também crismada pelo garoto da Rua, é a que tem nome mais lindo — *a nossa mãe*.

Faltam as couves para o caldo? Vamos à *nossa mãe*. Alguem oferece abelhas ou pombas? A *nossa mãe* faz o mesmo.

E' dia de festa? Ai vem uma galinha ou um cabrito para o jantar dos meninos.

Fruta, abóbora, feijão, tudo o que está em casa da *nossa mãe*, é nosso. E' só ir buscar. O miúdo está doente? Não falta a colher de mol ou a garrafa de leite que manda a *nossa mãe*.

Na viela o garoto foi escorraçado pelo padrasto e ele aí vem pela linha fora calcorreando 25 quilómetros, pedir abrigo à *nossa mãe*. E' difícil imaginar mãe mais bondosa para os próprios filhos; eu não sei imaginá-la mais carinhosa para os filhos da rua.

E' assim a mulher forte da escritura, agora tão barbaramente desfaída pela moda. Seguisse esta tal caminho, e os gaiatos teriam a monos esta mãe.

Mais chailos, pois, e menos peles—para que todos tenham agasalho.

Mais chinelos e menos tacão—para que haja mais pés calçados.

Mais filhos e menos cãezinhos—para que em vez de latidos se ouça mais vezes o doce nome de mãe.

Ao terminar a via dolorosa dos peditórios pelas terras e praias, aqui fica o meu «muito obrigado» a quantos nos receberam. Hoteis de graça, portas abertas, igrejas francas, e muita atenção às vozes das ruas. Esta voz não chega ainda a toda a parte. Ainda assim João Bosco foi mais infeliz. «O Gaiato»

Um esclarecimento

A's vezes, lá escapa um, sim, mas dezanove jornais sem endereço e um com dois endereços, só desta vez. Só com a expedição do numero anterior, é que tal aconteceu! Soubemos pelos bons officios dos empregados do correio, que nos quizeram enviar aqueles numeros. Que teria acontecido? O Julio e o Avelino, os dois responsaveis, chamados a contas, ficaram a matutar no que teria sido. Não souberam dizer, mas sei eu e vou dizer: Julio e o irmão estavam para ir à sua terra natal, quando eu lhes disse que sim, — mas primeiramente tinham a expedição do *famoso*. Ora o Julio poz as suas mãos nos trabalhos do jornal, sim, mas o seu pensamento êsse na terra aonde nasceu. Comboios, automotora, merendeiro. Vai êle e vai o irmão para Elvas. Vai o Adriano para Tomar. Trêz no mesmo comboio, juntinhos. Família. Conhecidos. As festas de S. Mateus. Badajoz. Tudo isto apurado e somado, deu dozanove jornais sem cinta e um com duas cintas. Ora aqui está

não consta ainda da lista dos jornais católicos, nem a Obra da Rua está incluída nas obras de beneficência da Igreja. Quem ler o Anuário Católico é o que verifica. Assim é melhor: a Obra é de todos.

—De uma familia brasileira—100\$00.
—Também do Brasil 60\$00.
—1800 mossicos de industrial amigo e 500\$00 de outro.

—Num vale do correio 200\$00.
—80\$00 em Coimbra para ajuda duma cama. Aos compadecidos da sorte do pequeno Pascoal se comunica que a remessa duma duzia de camas nos ficou a 293\$50 cada.

—500\$00 para bacalhau e dois fardos do fiel amigo.
—Uma caixa de medicamentos de Oeiras.

—20\$00 duma promessa; 50\$00 dum sacerdote.
—50\$00 em Lisboa, para a Conferência dos Gaiatos, e para as Criaditas dos pobres.
—10\$00 de Coimbra para os pobres protegidos pelos gaiatos.

—85\$00 de Luso, restos do peditório anual. Mais roupas usadas da América, e migalhinhas de muitos visitantes e broa, fruta, batatas, vinho dos bons visinhos das Colónias de Férias.

PADRE ADRIANO.

Notícias de Miranda

Como de costume, partiu para a Figueira da Foz o nosso professor que foi gozar o repouso de umas merecidas férias. No seu labor constante durante todo o ano, não só na escola, mas também a tomar conta cá fora, foi muito assiduo. Como já todos devem saber levou muitos a exame.

Deus queira que ele volte bom de saúde.

Já iniciamos a colheita do nosso milho amarelinho que se vai transformar em boroa para a nossa alimentação. Começamos pelas terras do Gaiato. Andaram todos os miudos a tirar as espigas para os montes e à tarde o carro dos bois foi buscá-los. Já está descamiado, agora andamos a descarular.

Foram dois meninos à Figueira vender o jornal. Foram lá muito bem tratados. Venderam muitos e tiveram muitas gorjetas. Em Coimbra, o Leiria bateu o «record». O Hirohito vendeu muito poucos e foi até à Figueira visitar a Mãe sem licença e ao chegar foi repreendido. O Rádio foi com o Sr. Padre Adriano a Monte Real vender jornais e fazer o peditório. Os dois que foram a Louzã venderam poucos, porque vieram antes da hora para virem numa camionete.

Está internado no Hospital da Louzã, o Pascoal que está com uma febre intestinal. Como a doença é contagiosa e como tinham oferecido o Hospital sempre que fosse preciso, aproveitou-se desta vez. Já o lá foram visitar varias vezes. Está melhor.

As nossas obras já estão bastante adiantadas. Já se anda a mobilar a casa de Coimbra para o novo lar. Vão para lá alguns de Miranda que é para darem lugar a mais.

João Carlos.



O Gaiato

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Director e Editor — PADRE AMÉRICO

4.ª Página • 4 de Outubro de 1947

ESTAVA eu hoje de manhã na cozinha, quando entra o rancho dos *Batatas*, cada um com sua acha, pró fogão. A lenha vem lá de baixo, de ao pé do velho convento, aonde é feita e arrecadada. Os pequenitos lançam cada um a sua carga, e voltam por mais lenha. Mas acontece que um deles, o mais pequenino de todos, em vez de seguir na bicha, afasta-se e vai para junto da *senhora*. A *senhora* estava, na maré, a debulhar feijão pró caldo, juntamente com os cozinheiros. O pequenito aproxima-se, chega-se, até se cozer com o vestido d'ela. Olha, sorri. Que queria o miúdo? Ele não dizia nada! Quería a mãe. Quería a sua mãe. O *Mãe!* E' um impulso interior, um sentimento nato, é a criação total. Quer a mãe. O *Mãe!* Ele veio das ruas. Terá uns 4 anos? Talvez, ou pouco mais. Tal qual este, outros fazem na mesma. *Fogem* aos trabalhos e aninham-se na rouparia, ao pé das *senhoras*. Estas deixam estar, mas o senhor Joaquim, vai e manda por eles, ao sentir a sua ausencia. Digo sentir, porquanto o senhor Joaquim é cego. Todos teem razão. Tem razão este, procurando que eles trabalhem consoante as suas forças. Tem razão as *senhoras*, deixando que eles se aninhem. Tem razão os pequeninos, procurando o ninho. E' a natureza das coisas. Ele havia um meio de harmonisar. Havia sim senhor. Uma pessoa que quizesse vir tomar conta desta classe. Uma *senhora* já se vê. Teria de ser uma *senhora*, — A Mãe. Mas que é dela? Que é das *senhoras*? Andam por lá, — cansadas! Cansadas e aborrecidas. Aborrecidas e ócas. Procuram e não encontram!

Era de uma vez eu que ia num comboio. Ao pé de mim, uma *senhora*. Conversamos e conversamos e conversamos. O comboio ia parar. *Vê aquela casita?* E' agora a *minha*. Era uma vivenda humilde, entre glicínias floridas. Aquele *agora* era a sequencia da conversa. Antes tinha sido vida plena da alta sociedade. Cansou-se. Ela mesmo usou o termo: — *Cansei-me e fugi.*

Pois eu vou aqui revelar hoje uma verdade: Há um trabalho que não cansa; é o que se faz por amor de Deus. Como descansam esses obreiros? Cansando-se mais.

ANDAVA eu apavorado com o consumo de borô cá em casa. A população, na minha, era de uns 115 rapazes e o pão desaparecia! Eu e preitava por sobre as mesas, pelos cantos das casas, pelas bordas dos campos a ver do desperdício. Nada. Chamei o Rio Tinto: *oh rapaz poupa. Coze menos. Ajuda-me.* Ele vai e responde que não podia fazer os gastos por menos! Que fazer? Fui ao livro do registo. Conteei de traz pra diante: 144 rapazes! Conteei de diante pra traz: na mesmal! Uma existência de 144. Pronto. Está tudo explicado. Já sei para onde vai o pão cozido. Claro que a nossa obra não pode servir pra modelo. A desordem dela vê-se por aqui...

AGORA são merendas de melancias. Elas muitas, e muito pretas por fora, e muito vermelhinhas por dentro. Muito frescas, muito alegres, muito fartas.

Os rapazes muitos e muito lindos e muito contentes e muito desejosos: *oh minha senhora um bocadinho do coração!* Ali ao pé, no sitio e hora da merenda, veem as galinhas, veem os cevados, vem o *Top* e o *Marão* e o *Nero*, por migalhas e por cascas. Tudo chega todos comem e ficam as sobras pró outro dia.

Isto hoje, amanhã e sempre, porque Deus é Imutável. Ora eis.

OTEM fui fazer a barba à loja do Periquito. Gosto de lá ir. Ele enxofra alcool e pó d'arroz. Um mimo. A entrada da porta e por detraz desta, estava o tesouro do Periquito. *Nasceram esta noite.* Dois garnizés. Vamos a ver se ele os vinga. Duvido. Há cá muitos na aldeia que lhe furaram pela pel. Tenho medo que paguem os garnizés; o inocente pelo pecador.

CHEGOU aqui agora mesmo o *Melgaço* a bufar. Vinha da aldeia. Trazia 3 notas na mão. *Olhe o que eu ganhei; três contos.* O cicerone mirava e remirava as notas: *Foi uns senhores.* Não eram nada 3 contos; era metade. As notas eram de 500\$00. Que

Isto é a Casa do Gaiato

afinal, as notas, tanto valem cinco como dez como nada. São valores convencionais. Adiante. O rapaz entrega as notas e eu disse-lhe para ele vir jantar mais eu, no dia seguinte. Não foi pelas notas; foi mas é pelo entusiasmo do catraio: *são nossas!* A hora marcada, compareceu. Bernardino, estava prevenido. Foi caldo de nabijas com farinha e uma lágrima de azeite. Foi arrôz. Foi batatas fritas. Foi pão. Foi azeitonas. No fim, um mimo: marmelos em calda de açúcar. Era o *Melgaço*, o empregado fiel. Mais. Ciumento. Se algum cicerone se mete ou lhe rouba os freguezes, temos sangue. Já temos tido sangue! Por isso, que muito compota de marmelos? Mais merece ele.

QUEM é que lê o famoso de ponta a ponta, quem? Os assinantes? Sim; os assinantes e mais alguém. Os nossos rapazes. Todos dos nossos que frequentam a escolas, leem de ponta a ponta. Aqui está:

Acabei agora mesmo de ler «o que nós necessitamos» e nele vi que tinham oferecido uma quantidade de canetas de tinta permanente. Por isso não queria perder a oportunidade que se apresenta na minha frente. Deixaria também de o *fritar*, como o Sr. Padre Americo diz. Com isto termino pedindo mais uma vez a sua bênção; este seu filho.

José Eduardo

E' o Zé Eduardo; o *Porto*, como aqui lhe chamavam e agora que ele está no

Porto, chamam-lhe o *cabeça*. Dizem só *cabeça*, mas ele bem sabe que eles querem dizer *cabeça no ar*.

O *Linhas* teve alta no hospital Maria Pia. Foi-se buscar. Veio na mesma. E' o *Linhas* e acabou! Mais uma vez temos de agradecer a Direcção d'aquelle hospital. Ali é o estaleiro da Casa do Gaiato! Temos um, presentemente, na Ordem do Terço. Já tivemos

na Trindade, na Carcereira, na Misericórdia. Eles são tantos que chegam para todos. Em todos aqueles hospitais, temos pago com a mesma moeda. A mesma com que nos pagam a nós. Não são notas. Isso é falso.

HOJE foi nomeado o Presidente fachina á cabana. Fachina, quer dizer estar ás ordens do cozinheiro e fazer pequenos recados. O *Presidente* gosta. Todos mcrrem por uma nomeaçãosinha! Chegou a hora de jantar. A nossa hora de jantar é ao meio dia. A noite, é a ceia. Nós lemos pela cartilha velha. Era o cozinheiro. Era um hospede, o *Cete*. Era o dito fachina. Era eu. Sobre a mesa havia pão. Veio o caldo, que era de abobora com cebola, feijão e tomates. Vieram batatas e bacalhau assado nas brazas. Houve um cheirito de vinho. Agora vem o resto; o melhor da festa. Maças assadas no forno e açúcar. O açúcar é que era! Eu tomei o prato de cada um dos circunstantes e servi, consoante a capacidade. O *Presidente* toma a sua parte, engole o primeiro bocado, saboreia. Nisto, olha para a palma da mão como se fora um relógio, depois olha para a gente e diz assim: *A estas horas, na terra de onde vim práqui, andava ás codeas.* Foi o doce de marmelo que o fez lembrar das codeas.

Um filho pródigo às avessas. Assim ame este agora e sempre o bafo da casa paterna. Ele nunca teve casa nem pai. Se mãe, melhor lhe fora nunca a ter tido!

FOI um senhor que me contou. Um senhor do *Porto*. Os senhores do *Porto*, têm sempre muito que dizer e gostam muito de contar coisas dos nossos rapazes. Se boas, com alegria. Se más, com tristeza—mas contam. Pois disse-me alguém, que um dos vendedores lhe propuzera a compra de um livro: *A Obra da Rua*. Ele já tinha esse livro e assim disse ao rapaz, mas este não atendeu. Não se calou: *ande lá compre*. E estende a mão cheia de livros. *Tire. Tire um*. O senhor volta ás suas razões, e o vendedor toma de novo as suas

razões: *Não me demore. Ande, que estamos na hora do apêto!* O senhor não resistiu. Comprou. Pagou, e lá vai o garôto rua abaixo, *apertar* outros senhores. Este caso contado a mim por aquele amigo, tem sido contado por ele a outros, tal a boa impressão do zêlo do rapaz. *Qual andorinha*, disse-me, o *catraio retoma o vôo e desaparece ao multidão*. Gostei tanto da imagem, que me não fruto a da-la aqui.

Aonde chegarão estes rapazes? Aonde chegariam, se continuassem como andavam?

O Carlos Inácio chamou-me á parte, para me mostrar uma fotografia do seu maior amigo, como ele diz Rapa d'um envelope que traz no bolso da carteira, abre com muito geitinho. *Olhe. Aqui está.* Eram duas fotografias de uma mesma pessoa. Do amigo. Os retratos não eram iguais, mas tinham ambas a mesma dedicatória: *Do amigo Caiado ao seu amigo Pastelão*. Já se sabe quem é o seu maior amigo. E' o Caiado. Fique sabendo o senhor Caiado, que não faz favor nenhum ó Pastelão dizendo-se e sendo um amigo d'ele. Não faz. Ele tem aqui apanhado muita pancada por causa do seu nome. Que ninguém ponha a lingua no Boavista, muito menos no Caiado!

A *senhora* fez marmelada, encheu tigelas e pôz ó sol. O *Batata Nova* não resistiu. Vai, tira a rede de cima dos covilhetes mete os dedos dentro d'um deles e pronto!

PEDITÓRIOS

E pronto. Acabou-se a epoca de verão. Fechou na Granja e na Foz do Douro. Pedi à missa das 9 e das 11 na capela daquela praia; quatro contos a passar. Na sacristia, e quando o celebrante se preparava para seguir, acode uma mulher do povo, aflita: *oh senhor abade, alumeie um cinto que se perdeu de tal a tal sitio. E' dum vestido de senhora.* A dita mulher foi-se embora e regressa depois, saber noticias. Eu estava. Ia começar a missa das onze. Também eu quiz saber noticias e entabolei conversa. O Cinto não era dela. Tinha sido uma lavadeira que o perdera e tão consumida ficou, que esta sua colega, ao vê-la assim, tomou a iniciativa, para a consolar. *Deixa, mulher, vai-se alumiá ás missas.* Eu disse que o cinto é uma coisa tão pequena que a senhora da roupa facilmente havia de desculpar a falta. Que não. Que não senhor. *Que contas há-de dar a pobre da lavadeira*, disse-me esta lavadeira, visivelmente preocupada e fazendo sua aflicção alheia! Nisto, vêm as horas de eu ir pró altar. Gostaria de ter falado da honestidade e do amor cristão desta mulher calejada. E' doutrina dos altares. Seria, até, coisa nova para muitos senhores e muitas senhoras ditas da nossa melhor sociedade. Gostaria, mas levava outra missão. Fica pra outra vez. No fim de tudo, aparece na sacristia uma creada com seu envelope, — *é da minha senhora*. Enquanto eu recebo, coloca ela nas minhas mãos uma moeda de prata — *e isto é meu*. Mais uma vez a *viuva do templo*. Todos, naquele dia, deram do que lhes sobrava. Esta, do que lhe faz minga!

Na Foz pedi de tarde na cabine e por favor do Julio Silva. De entre os que se apresentavam a lançar a sua oferta na saca, destaca-se uma mulher de humilde condição e diz: *Quem me dera ser rica para o livrar da pedincha*. Os fracos a consolar os que parecem fortes! Deus lhe faça como ela me fez. Se ele houve jamais alguém no mundo que me haja dado um bocadinho de alento, foi naquela maré, aquela mulher desconhecida! Deus lhe faça como ela me fez!

Eu tenho que não há nada no mundo mais santo de que consolar almas. E' a missão divina dos mortais, ensinada e comunicada por Cristo Jesus. Eu estava ali tão triste! Tão desconfortavel! Tão só! Não era o pedir; era a maneira de o fazer: exposto, discutido — *olha ele é aquê*. Estava ali tão triste, digo, quando aparece à minha beira um *anjo* a dulcificar! Era uma pessoa de condição humilde, rasteirinha, confundida com os mais. Assim tinha de ser. Deus resiste aos soberbos. A's 6 horas da tarde, demos fundo na aldeia. Andava um grande desafio de bola entre Paço de Sousa e Cete.

Visitantes, tinham estado e estavam, ainda, alguns carros. As queixas, chovem. Mal ponho os pés em terra, vem o *Pirulas* dizer que tirara oito tostões ó *Batata Nova*. *Ele aceita dinheiro dos senhores e vai esperar os carros ó fundo da avenida e vem pra cima dos senhores*. E mais queixas. E muito mais queixas.

Quasi ao cair do dia, ai vem Avenida acima! uma data de senhoras. Correu a noticia de que elas falavam francês. Outros, que não; é mas é espanhol. Em breve se apurou. Era uma data de Universitárias espanholas e uma data de senhoras da mocidade portuguesa. No dia seguinte, pelos jornais, é que eu vi quem tinhamos tido. Que pessoas! Que nomes! Tenho pena de os calar, por ser este o nosso teor.

Aqui na aldeia é tudo anónimo. Mas li. Notei. Gostei da visita. Mais notei, pela noticia da imprensa, que ela não estava no programa. Vinha lá a dizer outras terras e outras instituições, outros banquetes, outros portos d'honra. Estava o Casino da Povoa como ponto obrigatório. Os casinos. Palácios das lágrimas. Não, certamente de quem joga mas das vitimas dos jogadores, — quantas vezes os seus mais próximos! Tu sabes. Eu sei. Cala-te tu que eu me calarei. As visitas foram de cá ao escurecer, com pena de terem chegado tarde. Ao imperativo do chefe: *vamos que já é tarde*, vinha uma chuva de espanha: *um ratito mas!* Eram perguntas. Lágrimas. Espanto. E' que não há beleza igual á das almas!

Assim terminamos a noticia e a tarefa dos peditórios de verão. O Padre Adriano tem andado pelo centro, no mesmo modo de vida. Ele não gosta. Ele não queria ajustar-se. *Livre-me destes trabalhos*. Viriam outros, pesados e inuteis, se fugissemos aqueles que esta Devocão nos impõe.

Digo peditórios de verão, que não são mais do que o caminho para os peditórios de outono. Nós engatilhámos uns nos outros de tal sorte que tantos são os peditórios, quantos as estações do ano. Assim tem de ser.

Os nossos rapazes rilham durante todos os dias, quatro vezes ao dia, e alguns levam pedaços de borôa pra' cama, pra de noite!

Que fazer, senão pedir?!